LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DA VILA DA PRAINHA BRANCA, MUNICÍPIO DE GUARUJÁ, SP

Paulo de Salles Penteado Sampaio [1,2]; Roberta Roveri [1]; Natalia dos Santos Peres [1]

[1] Universidade Santa Cecília , Faculdade de Ciências e Tecnologia, Curso de Ciências Biológicas;
[2] Herbário da Universidade Santa Cecília (HUSC);
*E-mail: pspsampaio@unisanta.br

Resumo:
No Brasil, há uma crescente necessidade de produzir estudos relacionados à etnobiologia, valorizando os saberes tradicionais com o objetivo de registrá-los e evitar sua perda, já que muitas comunidades tradicionais têm sofrido interferências da evolução tecnológica e cultural devido à proximidade com o universo urbano-industrial. Foi realizado um levantamento das espécies de plantas nativas e exóticas utilizadas pela comunidade da Vila Prainha Branca, visando preencher uma lacuna na área de etnobotânica para essa localidade. Foram identificadas 94 espécies, distribuídas em 78 gêneros e 48 famílias de plantas úteis, das quais 48 (52%) são nativas e 43 (47%) exóticas, sendo que 18 dessas últimas (20%) estão naturalizadas no país. A maioria das espécies foi encontrada nos quintais das residências (84%), e a família mais representativa foi a Myrtaceae, com 12 espécies. As folhas foram o órgão vegetal mais utilizado, seguidas pelos frutos. Entre as 15 categorias de uso registradas, destacaram-se a alimentação e o uso medicinal, sendo a erva-de-Santa-Maria (*Chenopodium ambrosioides*) a espécie mais citada. Moradores mais antigos relataram a percepção de um desinteresse crescente dos jovens pelos saberes tradicionais.

Palavras-chave: Etnobotânica; Vila Caiçara; Plantas úteis; Plantas medicinais; Comunidade tradicional; Conhecimento tradicional

Abstract:
Brazil has growing needs for research in ethnobiology that values and documents traditional knowledge to prevent its loss, as many traditional communities face pressures from technological and cultural changes due to their proximity to urban-industrial areas. This study conducted an ethnobotanical survey of native and exotic plant species used by the community of Vila Prainha Branca, aiming to address a knowledge gap for this region. A total of 94 useful plant species were identified, distributed among 78 genera and 48 families; 48 species (52%) were native, while 43 (47%) were exotic, with 18 of the latter (20%) naturalized in Brazil. The majority of species were found in household gardens (84%), with Myrtaceae as the most represented family (12 species). Leaves were the most frequently used plant part, followed by fruits. Among 15 recorded use categories, food and medicinal uses were the most prominent, with *Chenopodium ambrosioides* being the most cited species. Elderly residents reported a perceived decline in interest in traditional knowledge among younger generations.

Keywords: Ethnobotany; Traditional communities; Useful plants; Medicinal plants; Knowledge preservation; Caiçara culture

INTRODUÇÃO

A etnobotânica é um ramo da biologia que pode ser considerada uma área de estudo multidisciplinar por envolver disciplinas como Antropologia, Farmacologia, Ecologia, Ciências Sociais, entre outros. O prefixo "etno" junto às disciplinas mencionadas aborda o estudo da interação simbiótica do homem com a natureza, seja cultural, farmacológica ou determinada pelo meio ambiente em que eles vivem (Albuquerque 2005).

Desde os tempos antigos, a humanidade busca na natureza recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. O uso das plantas como alimento sempre existiu e a este se incorporou a busca de matéria-prima para a confecção de roupas e ferramentas, além de combustível para o fogo (Lorenzi & Matos 2008). A etnobotânica existe desde os primórdios da humanidade, porém ela não era reconhecida de cunho científico. Os naturalistas dos séculos passados desprezavam certas informações por acreditarem se tratar de lendas e mitos dos povos, considerados por eles, primitivos (Lorenzi & Matos 2008; Albuquerque 2005).

Na atualidade a etnobotânica vem avançando consideravelmente em seus estudos através de um maior interesse da comunidade científica e dos subsídios emprestados pelas áreas subjacentes a ela. Com o avanço e sistematização dos métodos de coleta de dados foi possível obter dados mais específicos quanto à relação do homem e seu conhecimento dos recursos vegetais com o sistema de classificação taxonômica dessas plantas. Essa taxonomia particular é chamada na etnobotânica de taxonomia de "Folk", a qual é uma classificação pré-científica utilizada pelo homem para nomear plantas, animais, objetos e coisas que o cercam (Albuquerque 2000; Albuquerque & Hanazaki 2006).

Existe no Brasil uma maior necessidade de produzir estudos sobre assuntos atrelados à etnobiologia, valorizando os saberes locais com o objetivo de registrá-los a fim de evitar sua perda, pois uma grande parte das comunidades vem sofrendo interferência da evolução tecnológica e cultural devido à proximidade com o universo urbano-industrial.

Com a vila da Prainha Branca este processo não é diferente e este trabalho tem como intuito cobrir a lacuna existente na área de etnobotânica para este local e dar subsídios a outros investigadores das áreas correlatas a esta ciência; visto que estudos etnobotânicos (Albuquerque 2000; Albuquerque & Hanazaki 2006; Amorozo 2002; Azevedo & Silva 2006; Borges & Peixoto 2009; Miranda & Hanazaki 2008;

Pilla & Amorozo 2006; Pilla *et al.* 2009; Pinto *et al.* 2006; Moreira *et al*. 2020) foram desenvolvidos em outras regiões do país, porém nenhum ainda na referida vila litorânea. Assim como ressalta Begossi (2002) os estudos etnobotânicos contribuem também, em especial, para o desenvolvimento planejado da região onde os dados foram coletados, possibilitando a análise da distribuição das plantas estudadas e sua utilização pela comunidade.

OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivos:

- desenvolver um estudo etnobotânico para registrar e valorizar os saberes locais ainda presentes na comunidade da Vila Prainha Branca a fim de evitar sua perda.
- realizar um levantamento das espécies de plantas nativas e exóticas utilizadas pela comunidade da Vila Prainha Branca; com suas respectivas utilidades.

METODOLOGIA

A área de estudo situa-se na Ilha de Santo Amaro, no município do Guarujá, estado de São Paulo. O local recebe o nome de Vila Prainha Branca, em função de sua orla de areia branca. A vila localiza-se nas coordenadas 23°51’54’’S e 46°08’03’’O e está inserida na APA Serra do Guararu; uma área de proteção ambiental oficializada pelo Decreto Municipal 9.948, de 28 de junho de 2012 (Prefeitura de Guarujá 2012) (Figura 1). É também um patrimônio paisagístico e cultural tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT 2017), na data de 18 de dezembro de 1992, sob o processo de nº 26632/88.

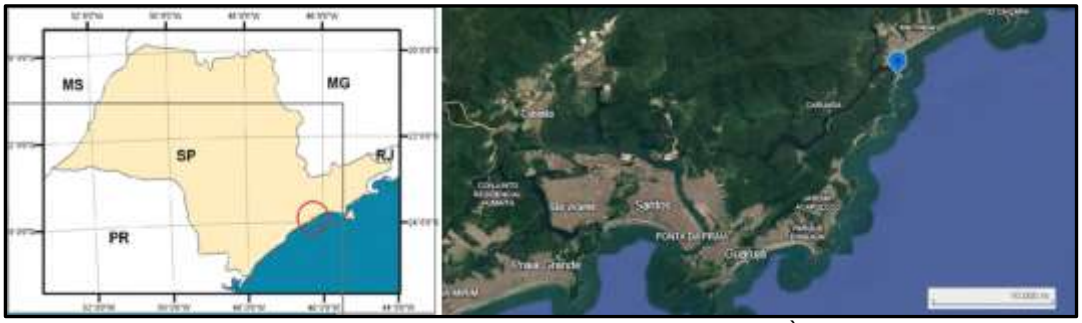

Figura 1: Localização da área de estudo no município de Guarujá, SP. À esquerda, mapa regional com destaque para a Serra do Guararu (círculo vermelho). À direita, imagem de satélite com a localização da Vila da Prainha Branca (marcador azul). *Fontes:* Steinmet (2008); Google Earth (2025), imagens de satélite © Google, CNES / Airbus.

O clima da região, segundo classificação de Köppen (1948), é do tipo Af, tropical quente e úmido, sendo que para o período de 1970-2000, segundo dados do DAEE (Departamento Estadual de Águas e Energia Elétrica), as médias anuais de

precipitação e temperatura registradas no período foram de 2124 mm e 24,7°C respectivamente. Denotando que frequentemente o mês de janeiro é o mais chuvoso (277 mm) e agosto o menos chuvoso (91 mm) e, demonstrando as relações diretas entre pluviosidade e temperatura, tem-se também o mês de fevereiro em média como o mais quente (28,2ºC) e agosto o mais frio (20,6ºC) (Steinmet 2008).

A partir do método Bola de Neve (Bernards, 1995) foram realizadas conversas informais com as famílias residentes na vila e aplicou-se um questionário semi-estruturado (Amorozzo 2002; Pilla & Amorozo 2006).

Para a coleta de dados realizamos visitas mensais (novembro e dezembro de 2010) com o intuito de uma primeira aproximação, até a permanência de um mês no local (janeiro de 2011). Após as entrevistas, com a ajuda dos informantes, saímos para coletar os espécimes indicados por eles com o auxílio de uma tesoura de poda.

Posteriormente processamos o material em prensas de campo, formadas por papelão e jornal. Características relacionadas à coloração das partes florais e frutíferas, presença de látex, caracterização do tronco e outras observações foram anotadas em um caderno de campo, juntamente com as informações etnobotânicas fornecidas pelo entrevistado entre elas o nome popular, sua utilidade (medicinal, alimento, cerca viva, ornamental, artesanato, construção, religioso, banho, tempero, alimento p/ animais), com respectiva parte utilizada e modo de preparo.

Todo material foi coletado e processado segundo as técnicas usuais para as plantas vasculares (Fidalgo & Bononi 1989; Peixoto & Maia 2013) e depositado no herbário da Universidade Santa Cecília, registrado internacionalmente com a sigla HUSC.

A identificação das amostras foi realizada no laboratório de taxonomia do HUSC; sendo para tanto utilizada bibliografia especializada (Couto 2005; Martins *et al.* 2008; Cordazzo *et al.* 2006; Kinupp & Lorenzi 2014; Lorenzi & Matos 2008), comparação com exsicatas de herbário e disponíveis em imagens digitalizadas no Reflora-Herbário Virtual (2025) e speciesLink (2025). A classificação das famílias seguiu o APG IV (2016) e a validação dos nomes científicos Flora e Funga do Brasil (2025) e The World Flora Online (2025).

A coleta de material testemunho foi realizada sempre na primeira ocorrência da espécie no estudo. Registros posteriores foram fotográficos e visuais; sendo todos os dados anotados no caderno de campo e planilhas específicas para este fim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de relatos dos moradores entrevistados na vila Prainha Branca registrou-se que eles não possuem mais como economia de subsistência a pesca da tainha. Muitos mudaram sua fonte de renda para o turismo, com seus estabelecimentos comerciais ou como guia turístico local, ou foram trabalhar fora da comunidade. Outra fonte de renda utilizada por alguns é o artesanato e a venda de gelo. A partir desta mudança os residentes abriram seus quintais para a prática de camping e construíram pequenas pousadas para suprir a demanda de turistas e também como forma de diminuir a poluição das praias, pois os turistas montavam suas barracas na areia da praia e deixavam seus lixos para traz. Com o aumento da comunidade e do turismo o lixo aumentou consideravelmente e é retirado através de barco pelos próprios moradores; a vila não possui esgoto tratado, sendo utilizada a fossa séptica.

De acordo com Hanazaki (2001), conforme dá-se o aumento das atividades atreladas ao turismo a pesca e a agricultura, práticas tradicionais caiçaras, passam a ter valores secundários em seu cotidiano. Na vila há também uma igreja, e uma escola municipal que vai do 1º ao 5° ano. Para continuar seus estudos os moradores vão para o município de Bertioga ou Guarujá, o primeiro sendo o mais escolhido em função de sua proximidade com a vila. A busca de outras opções de vida fora da comunidade, junto com a adoção do turismo como economia de subsistência provocou mudanças nos hábitos dos residentes.

Foram indicadas pelo método Bola de neve (Bernard 1995) 34 pessoas sendo entrevistados 14 residentes, pois maior parte das coletas de dados ocorreu no mês de janeiro coincidindo com a alta temporada turística, onde muitos se encontravam trabalhando. Os entrevistados têm entre 26 e 84 anos. Destes, oito pessoas moram a mais de 50 anos no local, duas estão entre 20 e 40 anos de moradia e quatro pessoas moram na vila a menos de 10 anos.

Ao todo foram citadas 253 plantas úteis, das quais foram identificadas 94 espécies, 78 gêneros e 48 famílias (Tab. 1). As famílias que apresentaram o maior número de espécies foram Myrtaceae (12 espécies), seguidas por Lamiaceae (sete espécies) e, posteriormente, por Araceae, Asteraceae e Poaceae (com cinco espécies cada). Essas mesmas famílias estão entre as mais citadas nos estudos de Borges & Peixoto (2008) e Miranda & Hanazaki (2008), nos quais a Myrtaceae também se destacou. Já na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una, a família Lamiaceae apresentou o maior número de citações, seguida por Asteraceae, Myrtaceae e Poaceae (Moreira et al. 2020).

Tabela 1. Relação de espécies utilizadas (n=94) pelos moradores vila Prainha Branca em ordem alfabética das famílias. Sendo: nativas=N; naturalizadas=NT; exóticas=E; categoria de uso=Ctu (medicinal=me; alimento=al; cosmético=co; cerca viva=cv; ornamental=orn; planta inteira=pli; artesanato=art; construção=cons; simpatia=si; religioso=re; tempero= te; tinta=ti; banho=ba; alimento p/ animais=al2; chá=ch; suporte p/ prancha=su); parte utilizada=PU (folha=fo; fruto=fr; flor=flo; semente=se; raiz=ra; tubérculo=tub; bu=bulbo; tronco=tro; caule=cau; casca=cas; planta toda=plt)

Família/ Nome científico	Nome popular	N/E	Ctu	PU
ADOXACEAE				
Sambucus australis Cham. & Schltdl.	Sabugueiro	N	me	fo
AMARANTHACEAE				
Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze	Dipirona/Novalgina	N	me	fo
Dysphania ambrosioides (L.) Mosyakin & Clemants	Erva de Santa Maria	N	me	fo
AMARYLLIDACEAE				
Allium cepa L.	Cebola	E	me	bu
ANACARDIACEAE				
Anacardium occidentale L.	Cajueiro	N	al, me	fr,fo
Mangifera indica L.	Mangueira	E	al,me	fr,fo
Schinus terebinthifolia Raddi	Aroeira preta	N	al2,ti,te,ba	fr,cas,se,fo
ANNONACEAE				
Annona muricata L.	Graviola	E	al,me	fr,fo
Annona mucosa Jacq.	Pinha	NT	al	fr
APIACEAE				
Eryngium foetidum L.	Coentro Grande	N	al	fo
ARACEAE				
Colocasia esculenta (L.) Schott	Inhame	E	al	tub
Thaumatophyllum bipinnatifidum (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo	Imberana	N	re	fo
Philodendron martianum Engl.	Banana de Macaco	N	co	fo
sp1	Pata de vaca		orn	plt
Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott	Taioba	NT	al	fo,cau
ARECACEAE				
Dypsis lutescens (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	Areca Bambu	E	re	fo
ASPHODELACEAE				
Aloe vera (L.) Burm. f.	Babosa (Aloe vera)	E	me, co	fo
Aloe arborescens Mill.	Babosa	E	me	fo
ASTERACEAE				
Ageratum conyzoides L.	Mentrasto	N	me	fo
Bidens alba (L.) DC.	Picão	N	me	fo
Centratherum punctatum Cass.	Marcela roxa	N	art	flo
Sonchus oleraceus L.	Serralha	N	al	fo
Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Boldo comum	NT	me	fo
BIXACEAE				
Bixa orellana L	Urucum	N	al,me,co	se
CORDIACEAE				
Varronia curassavica Jacq.	Baleeira	N	me	fo
BROMELIACEAE				
Bromelia antiacantha Bertol.	Gravatá	N	al	fr
CACTACEAE				
Pereskia aculeata Mill.	Ora-pro-nobis	N	al	fo
CARICACEAE				
Carica papaya L	Mamão	NT	al	fr
CLUSIACEAE				
Garcinia gardneriana (Planch. & Triana) Zappi	Bacupari	N	al	fr
Mammea americana L.	Abricó	NT	al	fr
CRASSULACEAE				
Kalanchoe pinnata (Lam.) Pers.	Fortuna	NT	me	fo
CUCURBITACEAE				
Sicyos edulis Jacq.	Xuxu	NT	al,me	fr,fo

Família/ Nome científico	Nome popular	N/E	Ctu	PU

DIOSCOREACEAE				
Dioscorea sp	Cará mimoso	N	al	tub
EUPHORBIACEAE				
Manihot esculenta Crantz	Mandioca	N	al	tub
FABACEAE				
Jupunba brachystachya (DC.) M.V.B.Soares et al.	Olho de cabra	N	art	se
Inga marginata Willd.	Ingá mirim	N	al	Fr
Mucuna sloanei Fawc. & Rendle	Coronha	N	art	Se
LAMIACEAE				
Mentha arvensis L.	Hortelã Pimenta	E	te	Fo
Mentha x piperita var. citrata (Ehrh.) Briq.	Hortelã	E	me	Fo
Ocimum basilicum L.	Manjericão	E	te	Fo
Ocimum gratissimum L.	Alfavaca	NT	me,ch,te	Fo
Coleus barbatus (Andrews) Benth.	Boldo brasileiro	E	me	Fo
Coleus comosus Hochst. ex Gürke	Boldo rasteiro	E	me	Fo
Coleus monostachyus (P.Beauv) A.J.Paton	Arnica/Arnica roxa	E	me	Fo
LAURACEAE				
Persea americana Mill.	Abacate	NT	me,al	fo, fr
LECYTHIDACEAE				
Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze	Jequitibá	N	orn	plt
LORANTHACEAE				
Struthanthus sp	Erva de passarinho	N	me	Fo
LYTRACEAE				
Cuphea carthagenensis (jacq.)J.F.Macbr.	Sete sangria	N	me	Fo
MALVACEAE				
Malvaviscus arboreus Cav.	Venera	E	cv	Plt
Sida rhombifolia L.	Vassourinha	N	co	Fo
MARANTHACEAE				
Calathea sp	Ginseng	N	me	Tub
MORACEAE				
Artocarpus heterophyllus Lam.	Jaca	NT	al,me	fr,fo
Morus nigra L.	Amoreira	E	me, al	fo, fr
MUSACEAE				
Musa paradisiaca L.	Banana	E	al,si	Fr
PRIMULACEAE				
Myrsine coriacea (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult.	Capororoca	N	al2	Fr
MYRTACEAE				
Campomanesia phaea (O.Berg) Landrum	Cambuci	N	al	Fr
Eugenia brasiliensis Lam.	Grumixama	N	al	Fr
Eugenia candolleana DC.	Murta	N	al	Fr
Eugenia uniflora L.	Pitanga	N	al	Fr
Myrcia florida Lem.	Papaguela	N	al	Fr
Myrciaria glomerata O.Berg	Cabeluda	N	me,al	fo,fr
Psidium cattleyanum Sabine	Araça Preto	N	al	Fr
Psidium guajava L.	Goiaba branca/vermelha	NT	al,me	fr,fo,cãs
Psidium sp	Araça	N	al	Fr
Syzygium cumini (L.) Skeels	Jambolão	NT	al	Fr
Syzygium jambos (L.) Alston	Jambo	E	al,cons	Fr
Syzygium malaccense (L.) Merr. & L.M.Perry	Jambo Vermelho	E	al	Fr
OXALIDACEAE				
Averrhoa carambola L.	Carambola	E	me,al	fo,fr
PASSIFLORACEAE				
Passiflora edulis Sims	Maracuja	N	al	fr,cãs
PHITOLACCACEAE				
Petiveria alliacea L.	Guiné	NT	re	Plt
PHYLLANTHACEAE				
Phyllanthus niruri L.	Erva Pombinha	NT	me	Fo
PIPERACEAE				

Família/ Nome científico	**Nome popular**	**N/E**	**Ctu**	**PU**

Peperomia pellucida (L.) Kunth	Coração de jesus/Crista de galo	N	me	Fo
Piper umbellatum L.	Pariparoba	N	me,al	fo
POACEAE				
Bambusa sp	Bambu-amarelo		cv,sup	tro
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf	Capim Santo	NT	me,ch,te	fo
Saccharum officinarum L.	Cana-de-açúcar	E	al	cau
sp4	Colonhão/Colonha		al2	fo
Zea mays L.	Milho	E	al	fr
POLIPODIACEAE				
Adiantum capillus-veneris L.	Avenca	N	me	fo
POLYGALACEAE				
Senega cyparissias (A. St.-Hil. & Moq.) J.F.B.Pastore & Agust. Martinez	Gelol	N	me	fo
ROSACEAE				
Eriobotrya japonica (Thunb.) Lindl.	Ameixa Amarela	NT	al	fr
RUBIACEAE				
Coffea arabica L.	Café	NT	si,al	fo,fr
RUTACEAE				
Citrus aurantium L.	Laranja,Laranja terra	E	al	fr,cas
Citrus latifolia Tanaka	Limoeiro	E	al,me	fr,fo
SAPOTACEAE				
Pouteria caimito (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiu	N	al	fr
SOLANACEAE				
Capsicum baccatum L.	Espada de galo	N	al	fr
Capsicum chinense Jacq.	Riba Saia/Roxinha	NT	al	fr
Solanum aculeatissimum Jacq.	Júa/ Rebenta cavalo	N	me	fr,se
URTICACEAE				
Cecropia glaziovii Snethl.	Embaúba	N	me	fo
Urera baccifera (L.) Gaudich. ex Weed	Urtiga brava	N	me	ra
VERBENACEAE				
Lippia alba (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Melicia	E	me	fo
Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl	Gervão	N	me	fo
ZINGIBERACEAE				
Costus spicatus (Jacq.) Sw.	Cana do Brejo	N	me	cau
Zingiber officinale Roscoe	Gengibre	E	al,me	ra

Ao redor das casas, os quintais estão repletos de espécies vegetais com diversas finalidades de uso. Corroborando essa observação, 84,4% das plantas citadas foram encontradas nesses espaços. Nas trilhas que percorrem a vila, foram registradas 8,4% das espécies identificadas; 2,1% foram coletadas tanto nas trilhas quanto nos quintais, 2,1% no costão rochoso, e 1% nas trilhas e no costão rochoso. Poucos informantes possuíam hortas, o que representa apenas 1% das espécies citadas.

Das espécies registradas, 48 (52%) são nativas e 43 (47%) exóticas, das quais 18 (20%) são naturalizadas — percentual semelhante ao observado na RDS Barra do Una (Moreira *et al.* 2020). Quanto ao porte das plantas, observou-se a predominância de indivíduos arbóreos (35,4%), seguidos de herbáceos (32,3%), arbustivos (23%), trepadeiras (7,3%) e epífitas (2%). Em relação às partes utilizadas, destacaram-se as folhas (40 citações) e os frutos (50 citações); as demais partes foram citadas, em média, três vezes.

Pilla & Amoroso (2009), em estudo no Vale do Ribeira (SP), também identificaram o fruto como o órgão mais utilizado. As autoras, juntamente com Martin (1995), associam esse padrão a um caráter de conservação, uma vez que a retirada do fruto não compromete a sobrevivência da planta.

Foram registradas quinze categorias de uso: alimento, alimento para animais, medicinal, tempero, chá (sem finalidade medicinal), construção, cerca viva, suporte para prancha de surfe, cosmético, artesanato, religioso, simpatia, banho, tinta e ornamental. A categoria mais citada foi a alimentação (39%), com quarenta e oito espécies indicadas, sendo o fruto a parte mais utilizada para esse fim (trinta e três espécies).

O uso medicinal representou 35,8% das citações, envolvendo quarenta e quatro espécies. A erva-de-Santa-Maria (*Chenopodium ambrosioides*) obteve seis menções: sua folha é macerada e ingerida com água ou leite para fins anti-inflamatórios, vermífugos ou antibióticos; também pode ser aplicada em forma de emplastro para cicatrização de feridas. Um entrevistado ainda relatou seu uso para "espantar pulgas de cachorro".

As demais categorias de uso apresentaram os seguintes percentuais: tempero (4%), cosmético e religioso (3,2% cada), alimento para animais, artesanato e ornamental (2,5% cada). As demais categorias ficaram abaixo de 2%.

CONCLUSÃO

A Vila Prainha Branca, por ser um local intensamente frequentado durante a alta temporada, sofreu, ao longo do tempo, modificações em seu modo de vida, visando adequar-se às demandas impostas pela prática do turismo. Contudo, apesar do turismo ocorrer apenas em períodos específicos, alguns costumes foram incorporados ao cotidiano dos moradores, enquanto outros, antes tradicionais, passaram a ter importância secundária, como a pesca.

Apesar dessas transformações, os entrevistados demonstraram possuir amplo conhecimento acerca dos recursos vegetais presentes na região. Os informantes mais idosos revelaram um saber mais aprofundado sobre as plantas, seus ciclos de vida e as características ambientais locais, conhecimento este possivelmente relacionado ao maior tempo de residência no local e à estreita relação histórica entre o modo de vida tradicional e o ambiente natural.

Quando indagados sobre o interesse das gerações mais jovens, os moradores mais antigos relataram a percepção de desinteresse por parte dos jovens em relação aos saberes tradicionais, sugerindo uma possível erosão no processo de

transmissão e acúmulo desse conhecimento ao longo das gerações.

Conforme evidenciado por diversos estudos em etnodisciplinas, o registro desse conhecimento é fundamental, pois atribui valor a múltiplas áreas do saber, fornecendo subsídios para seu contínuo desenvolvimento e preservação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. A etnobotânica no Nordeste brasileiro. In: CAVALCANTI, T. B. (Org.). *Tópicos atuais em botânica: palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica*. Brasília: Embrapa, 2000. p. 241-249.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 16, supl., p. 678-689, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à etnobotânica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93 p.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 2016.

AZEVEDO, S. K. S.; SILVA, I. M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, n. 1, p. 185-194, 2006.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R. A. M. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Org.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 93-128.

BERNARD, H. R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. 2nd ed. Walnut Creek: Altamira Press, 1995.

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 23, n. 3, p. 769-779, 2009.

CONDEPHAAT. Serra do Guararu e Vila da Prainha Branca. Disponível em: http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/serra-do-guararu-e-vila-da-prainha-branca/. Acesso em: 06 jun. 2025.

CORDAZZO, C. V.; PAIVA, J. B.; SEELIGER, U. *Plantas das dunas da costa sudoeste atlântica*. Pelotas, RS: Coleção Manuais de Campo, 2006.

COUTO, O. S. *Manual de espécies vegetais de restinga do estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais – DEPRN, 2005.

FIDALGO, O.; BONONI, V. L. R. *Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico*. São Paulo: Instituto de Botânica de São Paulo, 1989. 62 p.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível

em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/. Acesso em: 06 jun. 2025.

HANAZAKI, N. Ecologia de caiçaras: uso de recursos e dieta. 2001. 193 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. *Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

KOEPPEN, W. *Climatologia: com un estudio de los climas de la tierra*. México: Fundo de Cultura Económica, 1948. 478 p.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.

MARTINS, S. E.; ROSSI, L.; SAMPAIO, P. S. P.; MAGENTA, M. A. G. Caracterização florística de comunidades vegetais de restinga em Bertioga, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 22, n. 1, p. 251-275, 2008.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 22, n. 1, p. 203-215, 2008.

MOREIRA, L. P. et al. Levantamento etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas pela população local da Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una, Brasil. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, e3129108571, 2020.

PEIXOTO, A. L.; MAIA, L. C. *Manual de procedimentos para herbários*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. Disponível em: http://inct.florabrasil.net/wp-content/uploads/2013/11/Manual_Herbario.pdf. Acesso em: 06 jun. 2025.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 23, n. 4, p. 1190-1201, 2009.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PREFEITURA DE GUARUJÁ. Serra Guararu, área de proteção ambiental – Guarujá, 2012. Disponível em: https://www.guaruja.sp.gov.br/plataforma/wp-content/uploads/2020/07/Revista-APA-previa-2_compressed.pdf. Acesso em: 06 jun. 2025.

REFLORA - HERBÁRIO VIRTUAL. Disponível em: http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual. Acesso em: 06 jun. 2025.

SPECIESLINK. Disponível em: https://specieslink.net/search/. Acesso em: 06 jun. 2025.

STEINMET, S. Plano de manejo área de preservação ecológica na Serra do Guararú loteamento Iporanga, Guarujá, 2008.

WORLD FLORA ONLINE. Disponível em: https://www.worldfloraonline.org. Acesso em: 06 jun. 2025.